



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

ESTÁGIO, FORMAÇÃO HUMANA E DOCENTE.

Geraldo Luiz Silva Cardoso¹

Paula Abreu Silva²

Valéria M^a Amorim da S. Pontes³

Resumo: O presente trabalho objetivou refletir sobre a importância do período de estágio para tornar-se professor. A oportunidade de atuar pedagogicamente como professor possibilita a aquisição de conhecimentos e saberes, para além do seu curso de formação, que só mesmo a realidade docente poderia oferecer. Para tanto o aluno/estagiário procurou abarcar a concepção de formação defendida pelo curso de pró-licenciatura em Educação Física, modalidade EAD, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES): o professor crítico e reflexivo que através da pesquisa ação descobre novos caminhos para problematizar sua prática pedagógica.

O ofício de professor começa no estágio e neste processo, segundo Ventorim *et al.* (2011), a articulação entre os conhecimentos advindos do curso de formação com os saberes oriundos da realidade docente, oferecem esquemas que enriquecem o trabalho docente desenvolvido na escola e possibilitam analisar e investigar a prática cotidiana à luz deste confronto de saberes. Isto também é necessário para que o estágio se constitua como pesquisa e a pesquisa como estágio.

Outra descoberta importante seria a identificação, ou não, com as escolhas realizadas pré-estágio: a escola, o professor titular, a turma, o conteúdo, a metodologia e o planejamento vão dar condições ao acadêmico de assumir-se/descobrir-se professor conforme suas convicções teórico-metodológicas? Ou implícito ao período de estágio já estaria à oportunidade de se configurar um modelo de prática pedagógica e as competências necessárias para o estagiário tornar-se um professor?

Além de escolher a escola, o estagiário precisa criar um canal de comunicação com esta entidade de ensino mostrando seu compromisso com a Educação e o conhecimento adquirido no seu curso de formação. Isto é importante para criar uma relação de respeito e responsabilidade mútua com a direção da escola, com o professor titular e com outros profissionais com quem inevitavelmente o estagiário terá de se relacionar.

Bracht *et al.* (2007, p.70) afirma, que “*Há quase unanimidade na literatura quanto ao papel estratégico e fundamental do professor quando falamos de qualidade da prática pedagógica, quando falamos em qualidade da educação.*” Neste sentido, para qualificar a Educação precisamos de profissionais comprometidos com o papel político/pedagógico de professor e o estagiário para transcender suas aulas deve demonstrar, através de gestos, atitudes, diálogos e comportamentos, suas afinidades com a docência e quais conhecimentos domina ou têm para qualificar este ofício e a escola.

¹ Aluno do curso Pró-Licenciatura em Educação Física do Polo de Cachoeiro de Itapemirim.

² Tutora Presencial do Polo de Cachoeiro de Itapemirim

³ Tutora a distância do Polo de Cachoeiro de Itapemirim.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Com o professor titular o mesmo caminho deve ser percorrido. O estagiário vai “invadir” a aula deste profissional e precisa criar uma relação de amizade, respeito, cooperação e troca de conhecimentos com este docente. Segundo Perrenoud (2000, p.168) “[...] formar alguém é uma das mais seguras maneiras de se formar”, talvez o professor titular tenha essa consciência, por isso, é importante que fique claro, entre os professores, com que tipo de profissional cada um está lidando.

Ainda enfrentamos resistências de certos profissionais quanto aos cursos de formação realizados a distância, diante deste preconceito, torna-se importante que o estagiário honre esta modalidade de ensino mostrando que possui conhecimentos e saberes para lá de qualquer experiência que pretenda utilizar como base para suas aulas de Educação Física.

Quando o estagiário entra na escola para ministrar sua primeira aula já possui certa consciência que o planejamento é importante, pois isto já foi discutido em algumas disciplinas durante o seu curso de formação; porém, é na realidade da prática que ele descobre que o planejamento vai além de uma folha de papel onde escrevemos conteúdos, objetivos e metodologias.

A primeira aula prática ministrada oferece ao acadêmico a oportunidade de vivenciar o que planejou e a partir deste momento o estagiário descobre que planejar uma aula transcende a qualquer argumento teórico apreendido em seu curso de formação, por que as características, as necessidades e os interesses de seus alunos diferem completamente dos seus e isto interfere de maneira decisiva na aula que planejou.

“Planejar [...] é pensar sobre algo que existe, sobre o que se quer alcançar, com que meio se pretende agir e como avaliar o que se quer atingir” (MENEGOLLA, 2002, p.21, apud PASSAMAI; DUARTE, 2010, p.27), ao adquirir esta consciência o ato de planejar uma aula adquire outra conotação para o estagiário, por que ele passa a compreender que planejar uma aula é refletir sobre sua intervenção e nas especificidades/características que poderão interferir na maneira como ela poderá acontecer.

Uma aula nunca é igual à outra e nem o fato da prática pedagógica ter intencionalidade e apoiar-se em certo conhecimento da realidade na qual intervimos, torna nossos planos de aula absolutamente seguros, pois, mesmo sendo possível orientar nossa prática pedagógica através do planejamento, não significa que ela possa “[...] ser determinada previamente em todos os seus detalhes”, pois “[...] nos deparamos com situações diferentes que não se repetem.” (SACRISTAN; GOMES, 1998, p. 199).

A experiência prévia é um acervo aproveitável para prever planos adequados em momentos concretos, ainda que sempre tenhamos que encarar a singularidade de cada situação que nos demanda respostas particulares. Por esta peculiaridade, o ensino pode ser concebido como uma atividade e uma profissão de planejar, situada entre o conhecer e o atuar. (SACRISTAN; GOMES, 1998, p. 199).

Se a prática pedagógica está situada entre o conhecer à realidade docente para poder nela intervir, percebemos claramente a importância de abarcarmos a concepção de formação defendida pela disciplina Estágio Supervisionado e por este curso: o professor



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

pesquisador crítico e reflexivo que se utiliza da pesquisa ação para investigar/conhecer sua prática e planejar as aulas de acordo com sua realidade docente; construindo sua autonomia ao descobrir novos caminhos para problematizar sua prática pedagógica.

Ventorim *et al.* (2011), relatam que para ser um agente produtor de saberes e transmissor dos conhecimentos oriundos da reflexão de sua prática, o professor precisa desenvolver a escrita reflexiva, fazendo uma articulação entre teoria e prática, aproximando os saberes dessas duas dimensões; senão ele atuará como um mero transmissor/reprodutor de conhecimentos já sistematizados.

Neste sentido, é possível configurar um modelo de prática pedagógica, baseado na racionalidade técnica, que convença o estagiário que ele possui as competências necessárias para atuar pedagogicamente frente à complexa realidade presente na escola contemporânea. É o que Ventorim *et al.* (2011, p. 25) chamam de “[...] *prática de instrumentalização técnica, [...] ou seja, a mera aplicação de técnicas sem reflexão [...]*”. Muitos estagiários se formaram professores assim, acreditando em manuais prontos e vendo o aluno como um ser passivo e sem conhecimentos. Pronto para aprender o que o professor tem para ensinar.

Bracht *et al.* (2007, p. 51) ao se remeter ao professor modelo da racionalidade técnica enfatiza que este docente acredita que “*Seguir o planejamento feito ou aplicar atividade pré-determinadas representa um trabalho bem sucedido*”. Este professor que se utiliza de manuais de aula pronta procurando meios para atingir determinados fins, tem sua importância reconhecida; mas ao reduzir sua atuação docente a “[...] *adequar meios a fins dados, o professor se define meramente como um técnico [...]*”.

Contudo, se estivermos preocupados com a formação humana dos sujeitos devemos ser pesquisadores de nossa prática pedagógica, pois na atual complexidade do universo escolar o professor que se baseia na racionalidade técnica tem muito pouco a oferecer a demanda de conhecimentos críticos/reflexivos e norteadores que oportunizem a descoberta de possíveis caminhos para o desenvolvimento de novos modelos de práticas pedagógicas realmente transformadoras.

Estagiários ou não, nem todos os professores, estão preocupados em descobrir novos modelos de práticas pedagógicas transformadoras. A maior parte só está interessada em descobrir seu próprio jeito de ser professor e exercer sua profissão sem estresse. Entretanto, o desenvolvimento de um trabalho docente competente e sem frustração exige que o professor conquiste aquele que é o principal motivo de sua entrada e permanência na escola: o aluno.

São as características/especificidades do aluno que determinarão quais os saberes, os conhecimentos, as competências e as habilidades que os professores mobilizarão diariamente para exercer seu ofício sem frustrações, aborrecimentos ou decepções. É o aluno que determina nossa competência para a docência, mas nada se compara à realidade discente presente nas escolas modernas.

O aluno sempre foi um sujeito de direitos, porém as novas pedagogias, muitas delas defendidas por este curso de formação, colocam o aluno no papel de construtor do próprio conhecimento sem, no entanto, oferecer subsídios para o acadêmico entrar na escola e exercer seu papel de professor de Educação Física numa docência compartilhada, com o nobre objetivo de formar o cidadão crítico e reflexivo que vai



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

fazer uso da cultura corporal de movimento de forma lúcida e criativa na sociedade em que vive.

Refletindo um pouco mais sobre esse assunto, percebemos que o estágio se torna um verdadeiro campo de batalha neste sentido. A cultura da bola massacra qualquer tentativa de intervenção crítico-reflexiva e os alunos, em sua maior parte, não estão preparados para esta aula onde o conteúdo é discutido de forma crítica e reflexiva, numa problematização de conhecimentos onde o aluno também demonstra seus saberes sobre o conteúdo a ser vivenciado.

Para o estagiário ainda é mais difícil, pois ele está em uma aula que não é sua e com o professor titular observando-o, como se tivesse pagando para ver se ele vai mesmo dialogar com seus alunos para problematizar a atividade do dia, como é ensinado nos cursos de formação e esperado que assim seja realizado na realidade da prática.

Em Bracht *et al.* (2007, p. 69) encontramos a ideia de um “[...] núcleo sadio” de compreensão [...]” dentro de nossas aulas, formado pelos alunos que reivindicam uma maior atenção pedagógica do professor. Concordo com este autor quando diz que este núcleo deve ser potencializado para melhorar a qualidade da prática pedagógica e que isto seria uma possibilidade positiva para desenvolver “[...] uma ação pedagógica comprometida com uma perspectiva crítica de educação e Educação Física [...]”. Percebemos este núcleo em nossas aulas e além de potencializá-lo o desafio seria usar a criatividade para aumentá-lo.

As teorias críticas da/na/sobre educação/educação física (CHICON; SÁ, 2010) são nobres e tentadoras para qualquer professor que entende que é através da escola e da educação que poderemos colaborar para construção de uma sociedade mais justa para todos; porém, este é um trabalho doloroso, que exige dedicação, esforço, competência, engajamento político e conhecimentos para que o professor organize sua aula de forma que ela não vire uma bagunça, dando oportunidade de fato para o docente se assumir como um professor mediador de conhecimentos.

Está difícil na escola de hoje trabalhar tendo como referência a teoria crítica. Talvez por que o aluno está cansado de ver seus saberes prévios ignorados pela escola; talvez por que a escola não contextualiza o que ensina; talvez ainda, por que as sucessivas tentativas de modelar e padronizar os corpos envolvidos no processo de escolarização para forjar o aluno perfeito, subverteram a ordem escolar e o aluno se rebela cada vez mais contra qualquer tipo de mecanismo disciplinar exercido sobre seus corpos, pois é sobre o corpo que se impõe as obrigações, limitações e proibições tão recorrentes à disciplina. “Daí surge a noção de [...] corpo dócil que pode ser [...] submetido, utilizado, transformado, aperfeiçoado em função do poder” (ANJOS, 2009, p. 35), neste caso em função do poder da escola.

O paradoxo disto tudo é que o professor de Educação Física que pretende trabalhar numa perspectiva crítico-reflexiva entende que há espaço para o corpo na escola e em suas aulas; entende que todo corpo é histórico e possui sua identidade sociocultural (SANTOS, 2011), aliás, esta é a parte ignorada pelos discentes: é em cima dessas especificidades da cultura corporal do aluno que o professor pesquisa, analisa, reflete, planeja e organiza sua aula.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Quando pensamos em formar um cidadão crítico estamos preocupados com a construção de um mundo melhor para todos. Este é o grande objetivo da educação crítica dos sujeitos na escola. Porém, o excesso de liberdade e a indisciplina dos alunos talvez seja o principal fator da impossibilidade de colocar essa proposta pedagógica em ação dentro da escola.

Refletindo sobre isto percebemos que os cursos de formação preconizam e cobram do estudante um posicionamento crítico na escola, mas não trabalham os valores, as atitudes e o comprometimento adequados para o acadêmico realmente se assumir como um professor politicamente engajado com uma Educação Física que “[...] *possa realmente colaborar para o processo de transformação social, que permitirá a concretização de uma nova ordem social [...] mais justa, fraterna e livre*” (BRACHT, 1986, p. 67) e nem equipam o aluno “[...] *com um maior embasamento teórico para trabalhar numa perspectiva crítica.*” (BRACHT et al., 2007, p. 51).

Mas como lidar com a indisciplina? Como desconstruir a cultura da bola que perturba nossas aulas e impede a apropriação crítica dos movimentos? Como quebrar a “[...] *resistência dos alunos a uma prática pedagógica que pretende ir além do simples jogar e que introduza, por exemplo, a reflexão sobre o jogar [...].*” (BRACHT et al., 2007, p. 51). Como administrar a autoridade que a escola e a função de professor nos legam sem antipatizar-se com o aluno, deixando espaço para agir pedagogicamente de forma crítica e transformadora dentro do contexto de uma aula?

Neste sentido, concordo com Tardif (2010, p.139-140) quando diz que

No tocante ao professor, a autoridade reside no “respeito” que ele é capaz de impor aos seus alunos, sem coerção. Ela está ligada ao seu papel e a missão que a escola lhe confere, bem como à sua personalidade, ao seu carisma pessoal. [...] O professor, que é capaz de se impor a partir daquilo que é como pessoa que os alunos respeitam, e até apreciam ou amam, já venceu a mais temível e dolorosa experiência de seu ofício, pois é aceito pelos alunos e pode, a partir de então, avançar com a colaboração deles.”

Neste sentido, torna-se importante que durante o estágio o estudante descubra que o que traz afetividade para o professor é procurar compreender a cultura do aluno para traduzir este conhecimento em atividades interessantes para todos e estar sempre corporalmente disponível. Professor interessado em despertar o respeito e admiração do aluno problematiza sua aula em um ambiente docente de autonomia e liberdade. É o que Freire (1997) chama de disponibilidade corporal. Durante sua intervenção o educador tem que usar afetividade e não fazer do apito uma parte de seu próprio corpo.

De acordo com Tardif (2010, p.167), “*Na educação, não lidamos com coisas ou com objetos, nem mesmo com animais [...]*”, lidamos com pessoas que são nossos semelhantes e neste sentido uma grande variedade de interações se faz presente em uma aula. Cabe ao professor, portanto, se esforçar para estabelecer relações inteligentes com seus alunos, trabalhando em uma perspectiva de colaboração, onde o aluno se associa ao processo pedagógico para que ele possa ter alguma chance de sucesso.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Finalizando, é importante reconhecer que a oportunidade de atuar pedagogicamente como professor durante o estágio possibilita a aquisição de conhecimentos e a descoberta de saberes que são constantemente colocados à prova e exige do estagiário um processo permanente de construção e reconstrução de saberes, à medida que este intervém e reflete para novamente poder intervir na realidade que se apresenta.

Estar dentro da escola é essencial para criarmos vínculo com nosso ambiente de trabalho e nos percebermos parte integrante deste universo. Todos os personagens da escola deveriam levar a sério este momento tão rico de descobertas e aprendizagens que se constitui o período de estágio para o acadêmico, pois de maneira direta ou indireta estão colaborando na formação de novos professores. Novos educadores que com novas ideias, compromisso e competências poderão contribuir para dar novos rumos à escola e a educação.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, J.L. **Educação Física, corpo e movimento**. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2009. 55 p.
- BRACHT, V. **A criança que pratica esporte, respeita as regras do jogo... capitalista**. Revista Brasileira de ciências do esporte, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 62–68, jan. 1986.
- BRACHT, V. *et al.* **Pesquisa em ação: educação física na escola**. 3ª Ed. Ijuí: Unijuí, 2007. 144 p.
- CHICON, J.F.; SÁ, M.G.C.S. **Metodologia do ensino da Educação Física**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2010. 67 p.
- FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. (Pensamento e ação no magistério). 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1997, 224 p.
- PASSAMAI, M.H.B.; DUARTE, L.M.S. **Didática**. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2010. 108 p.
- PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artmed, 2000. 192 p.
- SACRISTÁN, J.G.; GÓMEZ, A.I.P. **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa, 4ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 400 p.
- SANTOS, K.C. **Corpo, movimento e escolarização**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2011. 48 p.
- VENTORIM, S. *et al.* **Estágio supervisionado I**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2011. 67 p.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 11ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.